

Operação

Cova da Moura

VOLUME I – DIAGNÓSTICO
Iniciativa Bairros Críticos

Lisboa – Julho de 2006

2. DIMENSÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA

2.1. Crítica das Fontes

A informação que permite traçar o retrato sócio-demográfico da população do Bairro provém de duas fontes principais: i) o Recenseamento Geral da População de 2001 (INE), cuja agregação da informação correspondente às sub-seções que incorporam a área da Cova da Moura permite obter dados para o conjunto do Bairro e ii) o Levantamento exaustivo (casa a casa) efectuado pela equipa da empresa Vasco da Cunha, no âmbito do Estudo de Caracterização/Diagnóstico do Bairro do Alto da Cova da Moura, encomendado pela Câmara Municipal da Amadora (2000-2002). Estas duas fontes de informação, embora baseadas em processos de recolha muito próximos no tempo (Abril de 2001, no caso dos Censos, e Setembro-Outubro de 2000, relativamente ao Levantamento Vasco Cunha (VC-CMA), apresentam resultados muito diferentes, sendo o número de edifícios (711 nos Censos e 838 no Levantamento VC-CMA) e de residentes (3253 nos Censos de 2001 e 5057 no Levantamento VC-CMA), substancialmente mais elevado no segundo caso. Esta diferença, que em nosso entender radica, por um lado no facto de uma pequena parcela a Oeste do bairro ficar fora das sub-seções consideradas (integra uma sub-seção que abrange, sobretudo, áreas exteriores à Cova da Moura) e, por outro, na maior meticulosidade do trabalho efectuado no âmbito do levantamento VC-CMA, porque dirigido especificamente ao Bairro, com a preocupação de identificar todos os edifícios em todos os quarteirões e becos e, também, todos os residentes, regulares e irregulares, proprietários e arrendatários, formais e informais, leva-nos a tomar como referência básica esta última fonte de informação. Contudo, há situações, em que a necessidade de comparar estruturas (e.g. composição etária e por sexos do concelho, das freguesias e do Bairro...) nos levou a utilizar a informação censitária, não exactamente em termos absolutos, mas como uma boa referência dos valores relativos.

A este problema resultante da disparidade das fontes, junta-se um outro que remete para a sua desactualização relativa, uma vez que passaram cinco/seis anos desde o momento das duas recolhas mencionadas. Relativamente a isto, pensamos que o quadro estrutural não sofreu alterações significativas, embora a rotação da população do Bairro seja relevante, designadamente devido à sua função de lugar de transição de imigrantes. A obtenção tardia da informação – ainda incompleta - do Levantamento exaustivo que está a ser desenvolvido pela Comissão de Bairro¹, permitiu acrescentar

¹ Embora fosse interessante e pertinente ter aplicado um processo de levantamento exaustivo do Bairro no quadro das actividades desta equipa técnica, tal processo revelou-se completamente inviável. Em primeiro lugar, não fazia sentido aplicar dois levantamentos à mesma população, em simultâneo. Em segundo lugar, os recursos temporais e financeiros disponibilizados pelo INH para o Projecto, bem como o enquadramento metodológico adoptado, inviabilizam a aplicação de

alguns elementos aos dados provenientes dos Censos e do levantamento VC-CMA. Contudo, esta não é ainda suficientemente esclarecedora e completa, de forma a traduzir uma caracterização demográfica e sócio-económica actualizada. Atendendo a esta situação, utilizámos como referência os dados das duas fontes citadas, incorporando na sua análise todos os elementos de natureza quantitativa, designadamente os elementos recolhidos no Levantamento mais recente efectuado pela Comissão de Bairro, e qualitativa que fomos recolhendo noutras fontes, ao longo do processo de trabalho.

2.2. Dinâmicas Demográficas, Imigração e Composição Étnica

Como aconteceu com outros bairros das periferias sul e norte da Área Metropolitana de Lisboa, o Alto da Cova da Moura cresceu à custa de população portuguesa retornada e de naturais das ex-colónias africanas, com destaque para Cabo Verde, embora existam igualmente imigrantes de Angola, Moçambique, Guiné e S. Tomé e Príncipe. Nos últimos anos, deve ainda acrescentar-se a presença, embora em número pouco significativo, de brasileiros e mais recentemente de trabalhadores da Europa de Leste, embora estes últimos, devido à sua mobilidade geográfica, permaneçam pouco tempo na Cova da Moura e recorram ao alojamento nas diversas “casas de hóspedes informais” e quartos arrendados que são oferecidos no Bairro.

Contando com cerca de 1000 habitantes em 1981, as estimativas apontam para uma população entre as 3500 e as 4000 pessoas em 1991, **valor que ultrapassou ligeiramente as 5000, em 2000 (5057 residentes, segundo o Levantamento VC-CMA)**. Não obstante a juventude da população e as taxas de fecundidade relativamente elevadas que o Bairro aparentemente apresenta, a observação da evolução das famílias no terreno, a existência de algumas casas desocupadas e a rotação da população imigrante (note-se que 25% dos inquiridos em 2000 haviam chegado nos 5 anos anteriores – Quadro 2, sendo este valor confirmado por recolhas pontuais de informação efectuadas no âmbito deste estudo) permitem sustentar a hipótese de que **a actual população residente se situará próximo dos 5500 residentes**, incluindo-se aqui construtores-residentes e famílias, bem como todos os tipos de arrendatários.

um levantamento/recenseamento da Cova da Moura, em virtude da complexidade de tal operação, tanto em termos de recolha de informação, como em termos do tratamento desta.

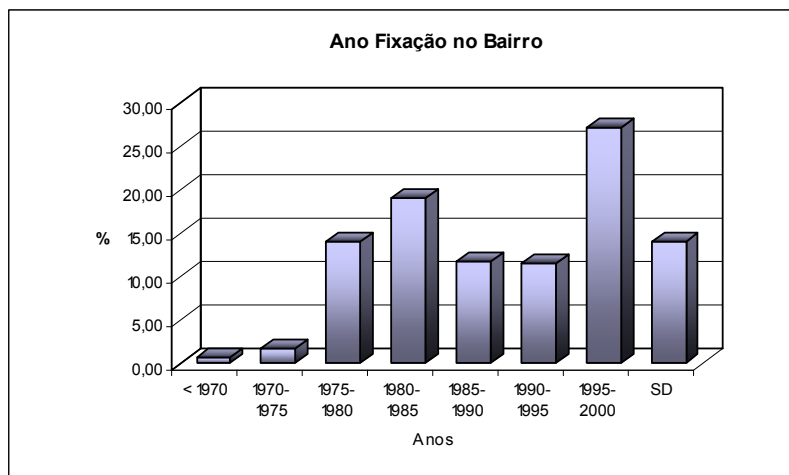


Figura 2 – Ano de fixação no bairro

Fonte: Estudo de Caracterização/ Diagnóstico do Bairro do Alto da Cova da Moura. Vasco da Cunha, Estudos e Projectos SA

A população do bairro é, em grande maioria, constituída por indivíduos de etnia africana e pelos seus descendentes, com destaque para os cabo-verdianos, muitos deles já nascidos em Portugal. Por esta razão, **mais de 40% dos indivíduos tem naturalidade portuguesa (Figura 3), embora seja relevante o facto de quase 2/3 dos residentes ser oriundo de um país estrangeiro.**

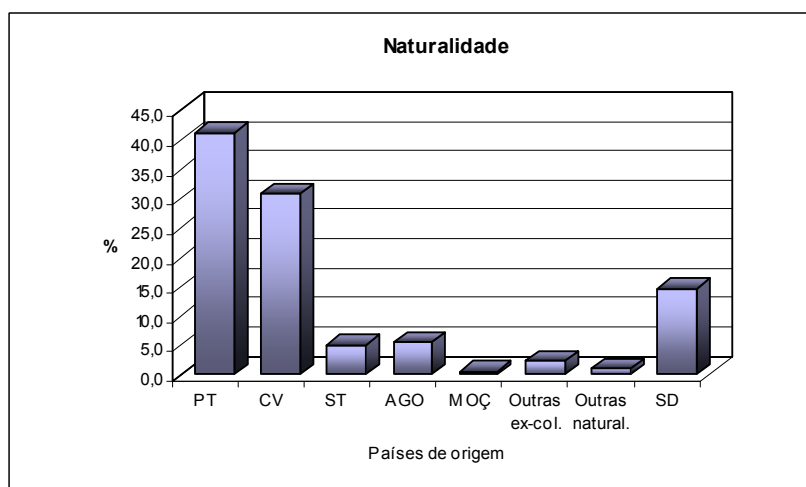


Figura 3 - Naturalidade

Fonte: Estudo de Caracterização/ Diagnóstico do Bairro do Alto da Cova da Moura. Vasco da Cunha, Estudos e Projectos SA

Desde o início dos anos 90, tendem a detectar-se duas tendências contraditórias: por um lado, cresce a proporção de nascidos em Portugal, o que evidencia a expansão da denominada segunda geração (descendentes de imigrantes); por outro, ocorre um aumento da população estrangeira, o que é uma consequência da aplicação da Lei da Nacionalidade que vigorou até à promulgação, já este ano, do novo quadro legal neste domínio² e, também, do funcionamento do Bairro como espaço de acolhimento e transição de imigrantes. Refira-se que, comparando as entradas no Bairro de maiores de quinze anos ocorridas entre 1980-1985 e 1995-2000³, se torna evidente o reforço da proporção de estrangeiros (quase 90% no último período, 2/3 dos quais provenientes de Cabo Verde, embora as chegadas de Guineenses e São Tomenses também tenham aumentado).

De acordo com o Levantamento VC-CMA, a distribuição dos indivíduos segundo a **naturalidade** assume uma expressão espacial, sendo visível ao nível do quarteirão, o que demonstra uma estratégia de proximidade em relação às pessoas da mesma origem, baseada nas redes familiares e de amizade, na cultura e na língua, como factores de aglutinação. Assim, é fácil constatar uma predominância de indivíduos de naturalidade portuguesa na área norte do bairro, espaço de ocupação inicial - na Rua da Palmeira e junto à Avenida da República -, a população angolana e são tomense concentra-se ao longo de dois eixos - Rua do Moinho, Ruas da Palmeira e Alecrim - e os cabo-verdianos apresentam uma distribuição mais uniforme pelo bairro, com uma forte concentração na área central (última fase de ocupação).

2.3. Estruturas Demográficas e Familiares

Embora se verifique uma tendência para o crescimento do número de idosos na Cova da Moura (os maiores de 64 anos atingiam cerca de 7% dos residentes, em 2001), acompanhada de uma aparente redução das taxas de fecundidade, o Bairro mantém estruturas demográficas originais no contexto das freguesias que integra, e mesmo do próprio município da Amadora.

² Até à revisão de 2006, a Lei da Nacionalidade assentava no princípio dos *jus sanguinis*, decorrendo daqui que a maioria dos filhos de estrangeiros não comunitários tinham de ser registados como cidadãos estrangeiros.

³ Vasco da Cunha/CMA (2001) - *Estudo de Caracterização/Diagnóstico do Bairro do Alto da Cova da Moura*, p.15.

Efectivamente, trata-se de um Bairro muito mais jovem do que a envolvente, com cerca de 22% da população com menos de 14 anos (no concelho, não atingem 15%) e quase 45% com menos de 24 anos (Quadro 1). Adicionalmente, apresenta um *sex-ratio* muito equilibrado, ao contrário do que acontece no concelho da Amadora e nas freguesias da envolvente (Quadro 2). Para além do efeito indirecto da juventude da população sobre a redução da proporção de mulheres, é significativo que a população adulta em idade activa (25-64 anos) da Cova da Moura apresente uma situação de sobre-masculinização, que não se verifica em mais nenhum caso. Isto vem confirmar o papel do Bairro enquanto espaço de acolhimento e instalação de imigrantes, no quadro de um processo em que há mais *primo-imigrantes* homens do que mulheres, muitos dos quais permanecem sempre sozinhos no Bairro, procedendo à reunificação familiar noutros locais ou regressando posteriormente ao país de origem.

Quadro 1 - Classes etárias, segundo o sexo - 2001

	Concelho da Amadora		Buraca		Damaia		Cova da Moura	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
0-4	4385	4277	471	493	385	390	115	143
5-9	4367	4115	442	408	385	383	103	114
10-14	4621	4465	479	463	425	408	126	120
15-24	12717	12474	1336	1280	1369	1355	360	371
25-64	48194	51646	4334	4478	5562	6120	817	763
» 64	10110	14501	713	1164	1577	2231	105	116
TOTAL	84394	91478	7775	8286	9703	10887	1626	1627
Sex-ratio	92,3		93,8		89,1		99,9	

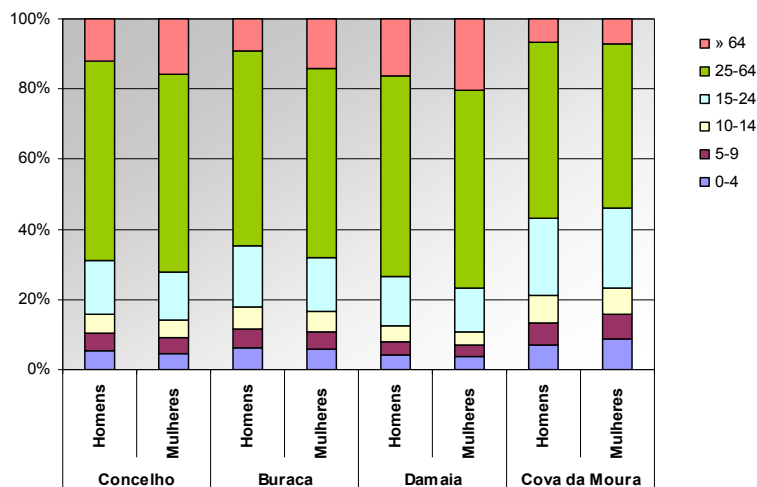
Fonte: INE, Censos 2001.

Quadro 2 - Classes etárias (%) - 2001

	Concelho da Amadora		Buraca		Damaia		Cova da Moura	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
0-4	8662	4,9	964	6,0	775	3,8	258	7,9
5-9	8482	4,8	850	5,3	768	3,7	217	6,7
10-14	9086	5,2	942	5,9	833	4,0	246	7,6
15-24	25191	14,3	2616	16,3	2724	13,2	731	22,5
25-64	99840	56,8	8812	54,9	11682	56,7	1580	48,6
» 64	24611	14,0	1877	11,7	3808	18,5	221	6,8
TOTAL	175872	100,0	16061	100,0	20590	100,0	3253	100,0
Índ. Envelhecimento	93,8		68,1		160,3		30,7	

Fonte: INE, Censos 2001.

Estrutura Etária - Censos 2001



Relativamente à **organização familiar**, predomina a estrutura de família nuclear, embora se registre a existência de famílias mono-parentais, observando-se também um forte sentido de organização familiar, com tendência para a diminuição do número de membros do agregado. Segundo o estudo atrás citado, dos 1573 agregados inquiridos, 18% correspondiam a famílias de 3 indivíduos (tipologia mais frequente) e cerca de 16% a agregados de 4 pessoas. Os agregados de maior dimensão, ou seja, com mais de 6 indivíduos, representavam 14,62%, valor superior aos das unidades constituídas por apenas uma pessoa (cerca de 9%).

Detectam-se, portanto, tipologias familiares diversificadas, embora a dimensão média da família na Cova da Moura (3,4 pessoas) seja bastante superior à dimensão média das famílias do concelho da Amadora e das freguesias da Buraca e da Damaia (entre 2,5 e 2,8 indivíduos).

2.4 Habilitações Literárias e Educação

As **habilitações literárias** são em geral baixas, particularmente nos indivíduos originários dos países africanos, não indo além do 3º ciclo do Ensino Básico. Apesar do nível de escolaridade média ter crescido em relação aos primeiros habitantes, a baixa escolaridade demonstra que poucos são os jovens que prosseguem os estudos, verificando-se um elevado nível de abandono e insucesso escolar. Tal facto deve-se aos défices de capital escolar dos pais e, também, às dificuldades económicas existentes que levam os jovens a procurar o mercado de trabalho antecipadamente, o que acaba por se

traduzir em ocupações no sector da construção civil e obras públicas, para os homens, e serviços domésticos (ou comércio) para as mulheres, tal como acontece com os seus progenitores⁴. Este factor contribui para uma taxa de actividade manifestamente elevada, justificada também pela forte procura de mão-de-obra flexível, pouco qualificada e de fracas remunerações nestes sectores. No entanto, registam-se alguns casos de aumento dos níveis de instrução, com destaque para a população feminina jovem, ocorrendo vários casos de conclusão de estudos de ensino superior.

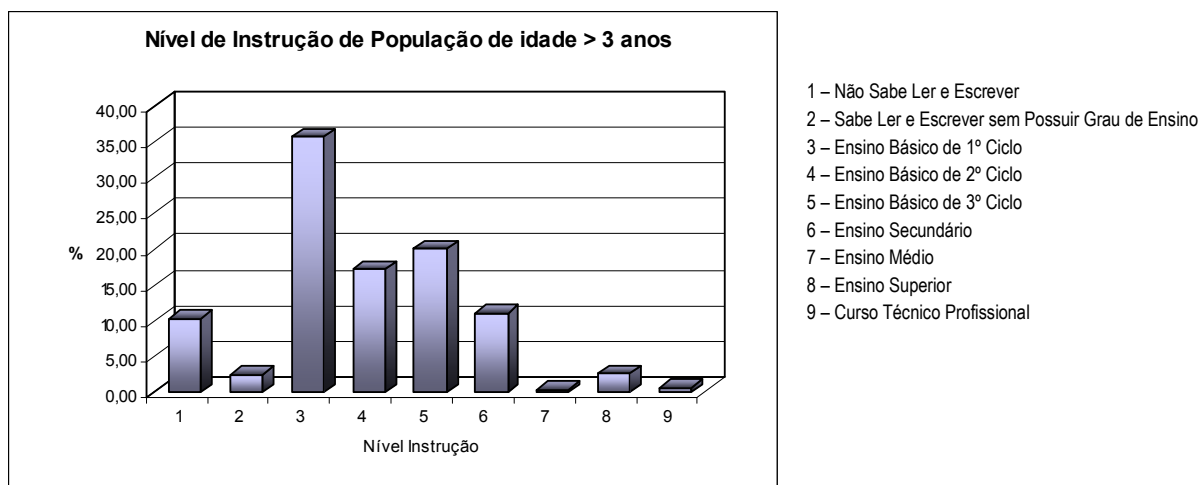


Figura 4 – Nível de instrução da população de idade superior a 3 anos

Fonte: Estudo de Caracterização/ Diagnóstico do Bairro do Alto da Cova da Moura. Vasco da Cunha, Estudos e Projectos SA

A escola EB1/JI da Cova da Moura está localizada dentro do próprio bairro e serve uma população escolar de 255 alunos, num total de 14 turmas. A grande maioria destes alunos é residente no próprio

⁴ De acordo com algumas fontes, cerca de 3/4 dos activos do Bairros tem actividade nos sectores dos serviços pessoais e domésticos e na construção civil.

bairro, tendo a quase totalidade (241) origem nos PALOP'S, havendo ainda 12 residentes fora do concelho, nove dos quais provenientes do município de Sintra.

Caracterização da População Escolar da Escola EB1/JI Cova da Moura:

Quadro 3 - N° Alunos

Anos	Turmas	N° alunos
Pré-Escolar	2	40
1º ano	2	42
2º ano	3	76
3º ano	3	51
4º ano	4	46
Total	14	255

Quadro 4 - Nacionalidade dos alunos

Anos	PALOPS	Outras
Pré-Escolar	40	
1º ano	39	1
2º ano	71	-
3º ano	48	-
4º ano	43	1
Total	241	2

Quadro 5 - Alunos com Necessidades Educativas Especiais

Pré-Escolar	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	Total
5	2	10	10	6	33

Quadro 6 - Insucesso Escolar 04/05

Anos	Retenção	Abandono	Alunos com idade >= 11 anos
1º ano	-	2	-
2º ano	27	1	1
3º ano	3	-	7
4º ano	2	1	8
Total	32	4	16

Acção Social Escolar 05/06 (apoios)

Quadro 7 - Tabela de Escalões

EB1		JI		Total	
A	B	A	B	A	B
185	11	32	0	217	11

Subs. Alimentação	Subs. Livros/Material Escolar
Escalão A – até 115€	Subsidiado até 125€
Escalão B – 115€ a 150€	Não subsidiado > 125€
Escalão C - > 150€	

Conforme se pode observar no gráfico seguinte, comparativamente com as restantes escolas EB1/JI do concelho, esta escola é onde se verifica um maior número de alunos com ascendentes dos PALOP, tanto em termos relativos como em termos absolutos.

Caracterização população escolar - escolas EB1/JI das freguesias da Amadora

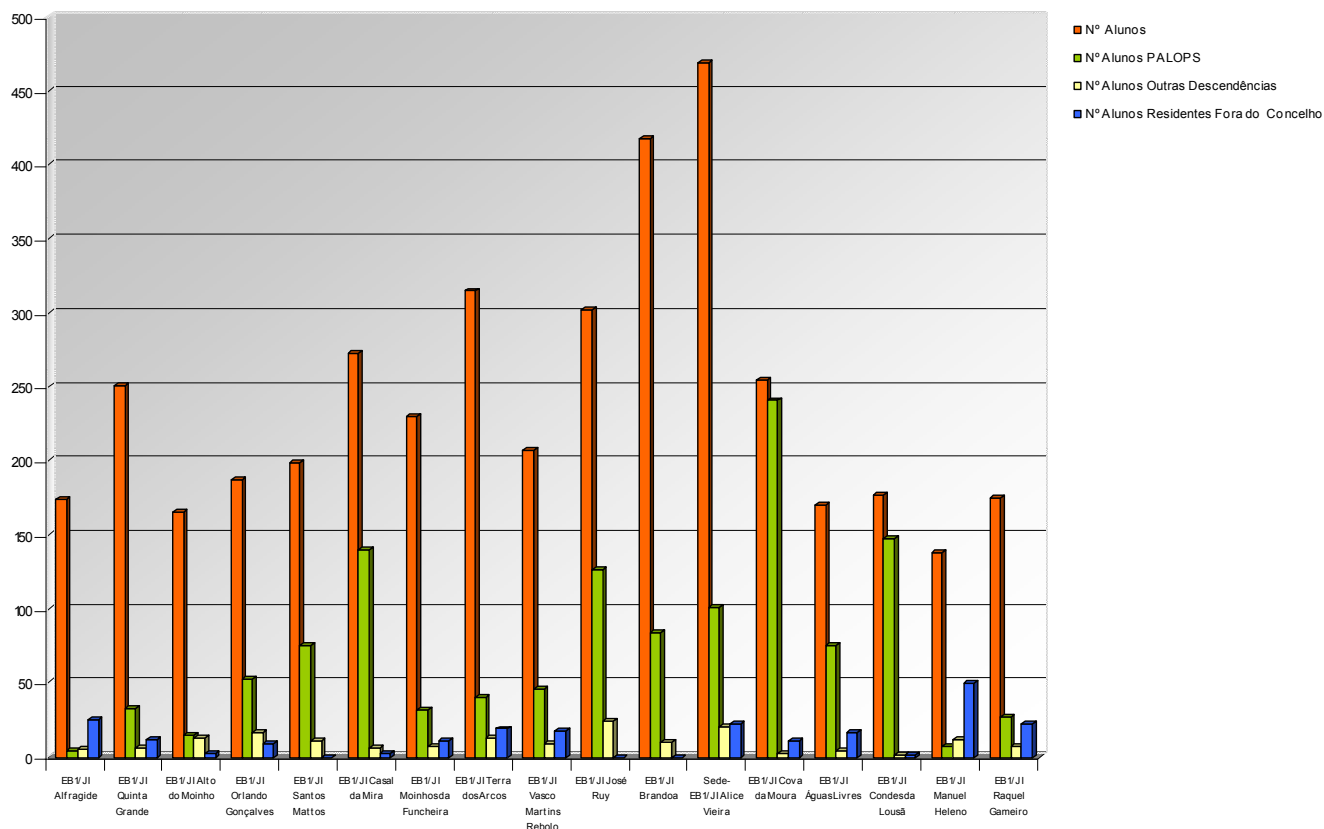


Figura 5 – Caracterização da população escolar nas escolas EB1/JI no concelho da Amadora

Fonte: CMA - Departamento Educação e Cultura/Divisão Sócio Educativa

Relativamente ao insucesso (quadros 6 e 11), a Escola EB1 da Cova da Moura aparece no segundo patamar negativo no conjunto dos estabelecimentos do concelho que inclui também as escolas do Casal da Mira e dos Condes da Lousã (apenas as Escolas EB1 José Ruy e do Alto dos Moinhos registam taxas mais negativas). Refira-se que estes valores elevados se prolongam desde os anos lectivos anteriores de 2002/2003 e 2003/2004 (ver gráfico).

Relativamente ao abandono, embora os níveis não sejam muito elevados, a EB1/JI da Cova da Moura possui igualmente um registo pouco favorável, uma vez que a taxa de abandono é também das mais elevadas das escolas do município (apenas a observada pela EB1 de Alfragide é mais elevada).

Estabelecimento de Educação e Ensino	Retenção (2004/2005)	Total Alunos	Taxa de Retenção Escolar (%)
EB1/JI Alfragide	3	174	1,7
EB1/JI Quinta Grande	2	251	0,8

EB1/JI Alto do Moinho	28	166	16,9
EB1/JI Orlando Gonçalves	9	187	4,8
EB1/JI Casal da Mira	32	273	11,7
EB1/JI Moinhos da Funcheira	17	230	7,4
EB1/JI Terra dos Arcos	6	315	1,9
EB1/JI Vasco Martins Rebolo	16	207	7,7
EB1/JI José Ruy	44	302	14,6
Sede-EB1/JI Alice Vieira	36	469	7,7
EB1/JI Cova da Moura	32	255	12,5
EB1/JI Águas Livres	14	170	8,2
EB1/JI Condes da Lousã	19	177	10,7
EB1/JI Manuel Heleno	6	138	4,3
EB1/JI Raquel Gameiro	5	175	2,9

Quadro 8 – Análise comparativa da retenção nas escolas EB1/JI no concelho da Amadora

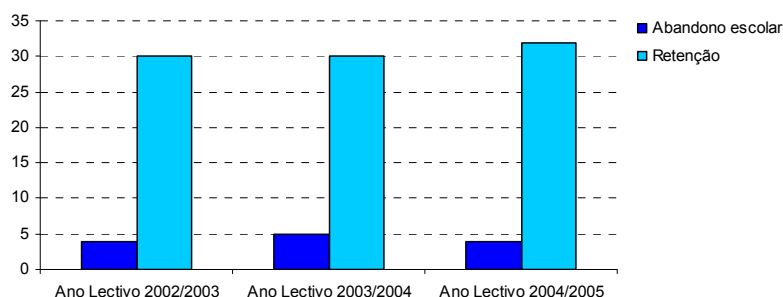
Fonte: CMA - Departamento Educação e Cultura/Divisão Sócio Educativa

Estabelecimento de Educação e Ensino	Abandono (2004/2005)	Total Alunos	Taxa de Abandono Escolar (%)
EB1/JI Alfragide	7	174	4,0
EB1/JI Quinta Grande	0	251	0,0
EB1/JI Alto do Moinho	2	166	1,2
EB1/JI Orlando Gonçalves	0	187	0,0
EB1/JI Casal da Mira	1	273	0,4
EB1/JI Terra dos Arcos	5	315	1,6
EB1/JI Vasco Martins Rebolo	1	207	0,5
EB1/JI José Ruy	3	302	1,0
Sede-EB1/JI Alice Vieira	2	469	0,4
EB1/JI Cova da Moura	4	255	1,6
EB1/JI Águas Livres	1	170	0,6

Quadro 9 – Análise comparativa do abandono escolar nas escolas EB1/JI no concelho da Amadora

Fonte: CMA - Departamento Educação e Cultura/Divisão Sócio Educativa

Evolução do insucesso/abandono escolar - escola EB1/JI da Cova da Moura



Anos Lectivos	Nº Turmas	Nº Salas	Nº Alunos	Nº Alunos descendentes de cidadãos dos PALOPS	Nº Alunos Outras Descendências	Nº Alunos Residentes Fora do Concelho	Nº Professores	Nº AAE	Outros Técnicos
2003/2004	14	-	240	103	5	22	18	5	-
2004/2005	14	10	247	219	14	12	19	6	1
2005/2006	14	10	255	241	2	11	19	6	3

Quadro 10 - Síntese da informação referente à Escola EB1/JI da Cova da Moura

Fonte: CMA - Departamento Educação e Cultura/Divisão Sócio Educativa

Anos Lectivos	Insucesso Escolar - Retenção (nº alunos)	Insucesso Escolar - Abandono (nº alunos)
2002/2003	30	4
2003/2004	30	5
2004/2005	32	4

Quadro 11 - Informação referente ao insucesso escolar na EB1/JI da Cova da Moura

Fonte: CMA - Departamento Educação e Cultura/Divisão Sócio Educativa

Estas taxas de abandono e insucesso escolar são facilmente explicadas pelas dificuldades de aprendizagem bem como pela ausência de acompanhamento por parte dos pais, especialmente por parte da figura paterna. O quadro que se segue, foi elaborado com base num inquérito realizado pelas professoras da Escola EB1/JI aos seus alunos relativamente ao acompanhamento das crianças ao pequeno almoço, considerado como momento simbólico de encontro entre os membros da família no início do dia. Os dados permitem-nos verificar que em 32,9% dos casos é a mãe que prepara o pequeno almoço dos filhos e em segundo lugar (19,3%) as próprias crianças. A preparação do pequeno almoço por parte do pai aparece com valores significativamente baixos (2,4%), sendo ainda de salientar que muitos destes alunos tomam o pequeno almoço no ATL (12,6%), 10,1% tomam pequeno almoço apenas às vezes e 9,7% não toma, facto que se reflecte na ausência de concentração nas aulas e posterior insucesso escolar.

Em síntese, para uma parcela significativa destes alunos com idades, na sua maioria, inferiores a 10 anos, o pequeno-almoço é descurado, quer do ponto de vista efectivo (cerca de 20% não toma de todo ou só toma “às vezes”), quer do ponto de vista do acompanhamento (outro quinto das crianças é responsável pela preparação do seu próprio pequeno-almoço, o que deixa transparecer, não uma carência alimentar, mas um défice de acompanhamento). Não fosse a compensação correspondente

aos pequenos-almoços fornecidos no ATL e teríamos uma situação, na Escola EB1 da Cova da Moura, de quase metade dos alunos terem pequenos-almoços sem acompanhamento e, em muitos casos, deficientes ou ausentes.

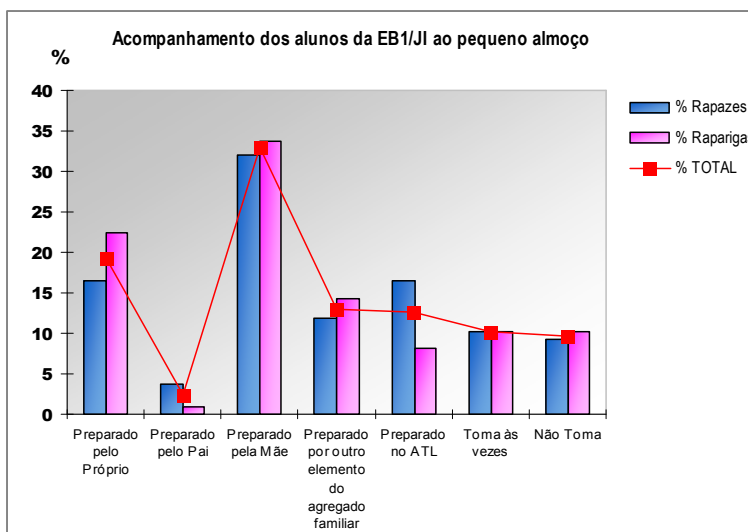
Esta situação fornece, desde logo, uma primeira pista para as dificuldades de acompanhamento parental e de capacidade para acompanhamento dos trabalhos escolares por parte de uma parte dos alunos (não é fácil estar atento e concentrado na aula sem ter comido o pequeno-almoço).

Acompanhamento dos alunos ao pequeno almoço

	Rapazes	%	Raparigas	%	TOTAL	%
Preparado pelo Próprio	18	16,5	22	22,4	40	19,3
Preparado pelo Pai	4	3,7	1	1,0	5	2,4
Preparado pela Mãe	35	32,1	33	33,7	68	32,9
Preparado por outro elemento do agregado familiar	13	11,9	14	14,3	27	13,0
Preparado no ATL	18	16,5	8	8,2	26	12,6
Toma às vezes	11	10,1	10	10,2	21	10,1
Não Toma	10	9,2	10	10,2	20	9,7
TOTAL	109	100	98	100	207	100

Quadro 12 – Acompanhamento dos alunos da Escola EB1/JI ao pequeno almoço.

Fonte: Escola EB1/JI da Cova da Moura



A escola secundária D. João V é uma das escolas secundárias na envolvente que recebe alunos da Cova da Moura. A filosofia da escola centra-se numa metodologia de ensino integrada, exigindo da parte dos alunos aplicação nos estudos de forma idêntica, ie., igual entre todos os alunos. Segundo um dos membros da direcção da escola, os alunos Portugueses, Europeus de Leste, Brasileiros, Africanos e de outras origens são tratados da mesma maneira, considerando-se ser este método mais justo para todos.

Nota-se, neste sistema, que os alunos vindos dos países do Leste Europeu são mais organizados e muito rapidamente assimilam a língua portuguesa, superando dificuldades na aprendizagem devido ao rigor e aos hábitos de trabalho cultivados nas escolas dos países de origem. Por outro lado, observa-se que os alunos com menor índice de sucesso escolar são aqueles que não têm disciplina e, em alguns casos, não sabem estudar sozinhos ou possuem responsabilidades domésticas (cuidar de irmãos mais novos, trabalhar para ajudar no sustento de casa, etc.) que limitam o tempo de estudo em casa.

Número de alunos	2003/2004		2004/2005	
	Transita	Não transita	Transita	Não transita
104	44	28	52	48

Quadro 13 - Aproveitamento Escolar dos alunos residentes na Cova da Moura que frequentam o ensino básico na Escola Secundária D. João V

Fonte: Dados disponibilizados pela Escola Secundária D. João V

Evolução do aproveitamento escolar - Escola Secundária D. João V (alunos do ensino básico residentes na Cova da Moura)



Relativamente ao aproveitamento escolar dos alunos da Cova da Moura que frequentam o ensino básico (3º ciclo) nesta escola, parecem acentuar-se as dificuldades, quando comparadas com a situação geral da Escola e, também, com as registadas ao nível do 1º ciclo, já de si pouco favoráveis. Efectivamente, no ano lectivo de 2004/2005, as taxas de insucesso aproximam-se dos 50%, tendo-se agravado relativamente ao ano lectivo anterior (eram cerca de 40%) (ver Quadro 13). Quando comparamos estas taxas com o valor global de reprovações da Escola (18% em 2003/2004, de acordo com informação

disponibilizada no próprio *site*) e com a taxa de retenção registada na EB1 do Bairro da Cova da Moura (12,5% em 2004/2005), facilmente nos apercebemos da maior relevância dos problemas de insucesso no Bairro e, também, do acentuar destes à medida que os alunos avançam para níveis de ensino mais elevados.

No caso dos alunos da Cova da Moura, o insucesso parece estar relacionado, na maioria dos casos, com os défices de capital cultural dos pais, que, necessariamente, se reflectem em limitações ao nível do acompanhamento escolar dos filhos. Eventualmente, uma menor utilização da língua portuguesa em casa e nalguns outros círculos de familiares e amigos onde o crioulo funciona como veículo de comunicação, pode acentuar os défices no processo de aquisição de conhecimentos.

Para ajudar a combater estas limitações, a direcção da escola aponta a existência de Mediadores como uma ajuda de grande valia na relação com as famílias.

A escola D. João V, que está em actividade há 23 anos e possui 1092 alunos (dos ensinos básico e secundário), 63 salas, além de salas específicas como biblioteca, sala de estudos, gabinete médico e outros, bem como pavilhão gimnodesportivo (desde há três anos), já foi parceira da Associação Cultural Moinho da Juventude, num processo de equivalência de cursos. Também já trabalhou como parceira da Junta de Freguesia da Buraca num programa de cursos de educação e formação para alunos repetentes. Actualmente, a escola conta com 4 turmas de cursos de Educação e Formação que ajudam a combater o insucesso escolar, havendo inclusivamente protocolos com empresas que oferecem postos de trabalho para os recém formados. Entretanto, vão faltando mais equipamentos informáticos, bem como os supracitados Mediadores.

A Escola EB2,3 Pedro D'Orey da Cunha tem cerca de 500 alunos, sendo que aproximadamente 70% são de origem cabo-verdiana (segundo informação de um funcionário da escola) e grande parte destes moram na Cova da Moura. Para o Presidente do Conselho Executivo da escola, é preciso cativar as famílias para a escola, pois, para grande parte dos cabo-verdianos, a escola é local de entrega dos filhos, de substituição da família.

Não foi possível realizar uma análise do sucesso e insucesso escolar da Escola EB2,3 Pedro D'Orey da Cunha, uma vez que não foram facultadas as informações necessárias por parte da escola. De resto,

noutros estudos sobre a problemática educacional do concelho, esta Escola caracteriza-se por dificultar, sistematicamente, o acesso à informação relativa ao aproveitamento dos alunos, tanto ao nível da sua distribuição por bairros, como por grupos étnicos. É significativo que nos quadros de informação disponibilizados pela Câmara Municipal da Amadora seja a única escola que não fornece qualquer dado.

2.5 Sociabilidades e Quadro Relacional

Em termos de sociabilidades, a população do bairro é portadora de uma dinâmica muito própria, caracterizada pela grande intensidade e multiplicidade de relações inter-pessoais, o que aponta para a existência de um elevado capital social interno (laços do tipo *bonding*, isto é, internos à própria comunidade local). Existe um forte sentimento de proximidade, quase familiar, nos diversos quarteirões que compõem o bairro, com laços de solidariedade, coesão e forte ligação às tradições (*Kola San Djon* e outras), que respondem a um sentimento de estigmatização e discriminação, como se se tratassem de estratégias de sobrevivência e auto-defesa. Esta relação de entre-ajuda é particularmente importante na mobilização de apoios para acompanhamento de crianças da 1ª infância (podem ficar com vizinhos) e, também, para o processo de procura de emprego, uma vez que são em grande parte os amigos ou familiares que auxiliam nesta demanda.

Mas no bairro existem também conflitualidades e tensões associadas a situações de desigualdade de oportunidades. A grande massa de população imigrante que reside no bairro procura encontrar no país de acolhimento uma estrutura económica que lhe permita um meio de subsistência. O seu baixo estatuto sócio-económico de trabalhadores indiferenciados, num mercado de trabalho marcado por comportamentos discriminatórios, caracterizado pela precariedade dos horários longos, da inexistência de contratos de trabalho, da ausência de direitos sociais no caso dos imigrantes irregulares fortalece sentimentos de distanciamento ou insatisfação relativamente às populações envolventes. Estas desigualdades sócio-económicas, de que as diferenças culturais são supletivas, acabam por dificultar em grande medida os processos de integração e, por consequência, a coesão social.

Ao aprofundarmos a análise da natureza das relações sociais existentes no bairro, recorreremos à noção de quadros de interação que pretende identificar os aspectos de natureza morfológica, relacional e simbólica que estruturam as redes sociais e os processos de interação no bairro. Enquanto quadro de interação, o bairro não se apresenta como um tecido social uniforme e homogéneo. Pelo contrário, a

diversidade e a complexidade de redes sociais que se estabelecem ao nível do local são entendidas a partir de características morfológicas, de lógicas de interacção e das condições contextuais que se actualizam nos processos relacionais, sejam estes de carácter organizacional, grupal ou individual. Nesta linha, iremos focalizar a análise em quatro grandes eixos que se afiguram como principais elementos estruturadores das práticas relacionais existentes no bairro, ou seja, a malha urbana e as sociabilidades; a pertença étnica e a pertença local, as redes sociais com o exterior (redes translocais e a presença no bairro de instituições supralocais) e a interacção entre os jovens e os “outros”.

2.5.1 Morfologia Urbana e Redes de Sociabilidade

Um dos principais factores que configura o quadro relacional do bairro inscreve-se na relação entre a malha urbana e os processos de sociabilidade. A intersecção entre estas duas dimensões é complexa e comporta lógicas específicas, que se reportam fundamentalmente a formas muito diferenciadas de apropriação e de construção social do espaço.

Como veremos no capítulo seguinte, a matriz espacial do bairro revela-se densa, desprovida de um centro claro e relativamente fragmentada. É um lugar onde dificilmente se encontra um ponto de partida, um centro, a partir do qual possamos ler e mapear uma cartografia ziguezagueante de múltiplos espaços e sociabilidades. A sul, o traçado tortuoso de ruas estreitas, de becos, de casas, barracas e anexos encavalitados, forma uma malha labiríntica apertada. Aqui se amontoa a população maioritariamente de origem africana. A norte predomina um padrão ortogonal de ocupação espacial, de ruas pavimentadas e de casas cercadas por pequenos jardins, onde residem os nacionais retornados de África, os migrantes internos, uma pequena burguesia africana e os imigrantes recém-chegados que buscam no bairro um lugar para habitar.

Num sentido lato, tanto a norte como a sul os processos de interacção são dominados por laços de vizinhança, parentesco e conterraneidade. Ainda assim, a tendência para a concentração espacial de populações da mesma origem étnica em determinadas áreas do bairro favorece o desenvolvimento de modos e estilos de sociabilidade específicos assim como a criação de círculos de interacção pautados por determinados padrões de conduta e de formas culturais bem diferenciadas, que caracterizam o bairro. Por exemplo, na área sul do bairro, e ao contrário do que acontece a norte, a sobreocupação, a exiguidade e a precariedade das casas assim como a manutenção de práticas culturais específicas

potenciaram a transferência de actividades domésticas para o espaço público, favorecendo, igualmente, uma maior apropriação das ruas, largos e becos como espaço de intenso convívio e de interconhecimento.

Este quadro urbano que se revela polarizado entre duas grandes áreas, com uma organização sócio-espacial bem diferenciada, tende, igualmente, a favorecer a existência de assimetrias relacionais e identitárias. Ao longo dos anos, os relatórios oficiais elaborados sobre a Cova da Moura veicularam a representação do bairro em termos dicotómicos, por um lado o “bairro europeu” descrito como bem organizado, obedecendo a uma lógica de urbanização formal e, como tal, passível de ser reabilitado. A este opõe-se o “bairro africano” retratado como um espaço degradado, sobreocupado e associado a traços culturais especificamente africanos. Ao privilegiar as formas culturais como factores determinantes da organização sócio-espacial destas populações, os discursos oficiais tenderam a relegar para segundo plano o modo como os quadros estruturais da sociedade dominante – económicos, sociais e políticos – moldaram a produção de espaços socialmente marginalizados.

Estas representações e a ausência de uma política urbana coerente para o bairro têm sido focos de tensão que se inscrevem no quadro relacional do bairro. Numa fase inicial de fixação, o poder discricionário exercido por certas personagens influentes no bairro na localização, distribuição e medição dos lotes a serem ocupados constituiu-se, desde logo, como uma fonte de contestação e de conflito entre diversos grupos de residentes. O capital social e económico de certos residentes influentes possibilitou-lhes um acesso privilegiado a importantes redes sociais no exterior do bairro quer na esfera do poder local quer a nível do quadro partidário da sociedade portuguesa. Assim, relações de interdependência, clientelismos, cumplicidades e rivalidades permeiam a malha social do bairro, criando nós relacionais de dominação e de subordinação que se vão desenvolvendo em torno de determinados indivíduos e grupos. Por outro lado, o poder local, ainda que sempre de forma ambígua, estabeleceu no local uma rede de interlocutores que foram funcionando como agentes de regulação social do bairro e promovendo relações de dependência entre os residentes e o Estado, acentuando assimetrias sociais entre os primeiros.

Por último, é de notar que o bairro constitui um lócus de identificação e de pertença para os seus residentes, independentemente da sua origem étnica. Para aqueles que foram residentes nas ex-colónias portuguesas o bairro simboliza “a terra prometida” que lhes oferecia uma oportunidade de

recomeçarem as suas vidas após o processo de descolonização. Para os imigrantes, um local onde era possível viver no contexto da sociedade que lhes coarctava a cidadania. Neste sentido, e apesar das assimetrias sociais que atrás referimos, os residentes tendem a mobilizar-se em torno de um conjunto de reivindicações que têm sido articuladas em termos do direito à legalização e à reabilitação do bairro, à necessidade de uma política de segurança e à construção de uma imagem positiva da Cova da Moura.

Em síntese, verifica-se que o quadro interaccional é accionado por processos densos de vizinhança, de parentesco e de conterraneidade que se actualizam e se adensam em determinados nichos espaciais. Adicionalmente, a organização sócio-espacial do bairro é reveladora de uma teia social e cultural muito diversificada onde se inscrevem relações assimétricas de poder, decorrentes de interacções locais e de prolongamentos de outras dinâmicas supralocais que ganham expressão no quadro interaccional do bairro. Por último, e independentemente da origem étnica, os residentes criaram laços de pertença ao bairro, estabelecendo processos de interacção que possibilitam acções de reivindicação conjuntas e que têm na sua génese a luta pelo direito ao local e a uma vida digna, promovendo a (re)qualificação e combatendo a estigmatização. Face a esta estigmatização, os habitantes demonstram uma necessidade constante de sublinhar os aspectos positivos do Bairro, percebendo-se também uma vontade expressa de maior interacção e aproximação entre os moradores e a comunidade envolvente.

2.5.2 Pertença Étnica e Localismo

Até que ponto a etnicidade ou a pertença local são factores determinantes das relações sociais que se estabelecem entre as diversas e culturalmente diferenciadas populações que residem no bairro? O estudo das relações intergrupais no bairro aponta para a existência de dinâmicas sociais em que tanto a pertença étnica como a pertença local emergem como factores determinantes das práticas sociais que configuram o quadro relacional. Como veremos a seguir, em certos contextos, a etnicidade ganha saliência enquanto, noutros, o localismo (sentimentos de pertença colectiva ao local) emerge como o principal factor estruturante das relações sociais e, noutros contextos ainda, ambas as dimensões são igualmente importantes.

Ao nível do movimento associativo local, na década de 1990 a adesão a organizações era relativamente aberta. Em princípio, qualquer residente podia tornar-se membro das três associações locais a funcionar no bairro. Contudo, práticas de exclusão de moradores africanos de determinada organização, mais

especificamente dos seus órgãos de direcção foram denunciadas e severamente criticadas pela população local. Neste caso, a origem étnica assumiu um carácter determinante no acesso à participação associativa. A imposição de marcadores de categorização identitária como o fenótipo ou traços culturais teve como principais consequências a exclusão de residentes africanos de um conjunto de recursos associativos, contribuindo para a estigmatização e discriminação destas populações, e, em última análise, potenciando situações de tensão e de conflitualidade entre os residentes do bairro.

Contudo, estes processos de exclusão não são, de modo algum, práticas dominantes das dinâmicas associativas existentes no bairro. De resto, actualmente, os tempos são bastante diferentes e a discriminação étnica explícita no acesso a qualquer organização parece estar completamente ultrapassada. Efectivamente, o que importa notar é a existência de formas associativas locais fortemente polarizadas por determinadas organizações, que tendem a ter clientela específicas, nas quais a origem étnica e a posição social se interceptam.

De qualquer forma, prevalece uma imagem marcada por sentimentos de pertença colectiva ao bairro relativamente intensos e evidentes entre a maioria da população residente. Densas redes de vizinhança, de parentesco e de conterraneidade assim como uma intensa vida associativa e a existência de sobreposições entre círculos residenciais, profissionais e de lazer tendem a contribuir para uma forte identificação com o local.

Ao analisarmos a esfera ocupacional, torna-se evidente que as actividades económicas são sustentadas por redes étnicas e familiares e pela pertença local. Informação sobre oportunidades de emprego dentro e fora do bairro é, frequentemente, obtida através de laços familiares, étnicos e de vizinhança. De facto, a economia semi-formal e informal emergente no bairro tem acentuado o uso de múltiplas estratégias de contratação, onde tanto a etnicidade como o localismo são accionados e mobilizados. A angariação de mão-de-obra local por parte de dezenas de subempreiteiros a residir e a operarem na Cova da Moura tende a tornar as fronteiras étnicas mais flexíveis e a fortalecer os laços de vizinhança. Por outras palavras, o acesso a oportunidades de emprego não depende unicamente da origem étnica dos trabalhadores (por exemplo, cabo-verdianos, guineenses, senegaleses ou russos), mas na maioria dos casos do seu estatuto de residente no bairro. Neste sentido, ser residente do bairro permite o acesso a outros recursos valiosos nomeadamente ao trabalho.

Por outro lado, a existência de um comércio local formal, semi-formal e informal muito activo e, como tal, de um número muito significativo de residentes que estão economicamente dependentes das oportunidades de trabalho geradas no bairro para a sua própria sobrevivência tem importantes consequências na estruturação e na regulação das relações sociais em múltiplos domínios. Para além do intenso comércio formal existente, um número considerável de residentes tende a envolver-se em actividades comerciais informais para complementar o rendimento familiar. Vendedoras de rua e pequenos negócios de importação e exportação proliferam no Bairro tornando evidente que a subsistência destes grupos se encontra fortemente ligada àquele. A participação das mulheres nestas actividades é significativa e tende a potenciar relações de vizinhança, de entreajuda, de solidariedade e de coesão social num bairro etnicamente heterogéneo.

Dada a existência de uma economia semi-formal e informal e uma forte dependência dos moradores nas actividades económicas criadas no bairro, viver num “circuito fechado” étnico reduziria substancialmente as oportunidades de vida dos moradores. Deste modo, as pertenças étnicas e locais são optimizadas e as fronteiras são estrategicamente manipuladas de forma a maximizar os recursos económicos.

Em suma, não obstante as assimetrias económicas, sociais e culturais existentes no bairro e a situação de ilegalidade deste, a existência de uma forte economia semi-formal e informal e a densidade e multiplicidade de interdependências e cumplicidades desenvolvidas localmente são factores importantes na estruturação de práticas sociais que revelam fronteiras permeáveis e com baixos níveis de conflito inter-étnico.

2.5.3 Redes Sociais Translocais e Instituições Supralocais

A partir de meados da década de noventa de 1900, as representações mediáticas sobre o bairro do Alto da Cova da Moura tenderam a reforçar imagens estereotipadas sobre o bairro como um “gueto” ou como “uma zona degradada com sérios problemas sociais” A construção social bairro como gueto que se estabelece em oposição à sociedade maioritária permeou, igualmente, os discursos oficiais dominantes sobre a Cova da Moura.

Mais recentemente, se o aumento de criminalidade e de actividades ilícitas (por exemplo, o tráfico de droga) tem contribuído para um clima de insegurança que é vivenciado e denunciado pelos residentes

do bairro, os órgãos de comunicação social ao ampliar esta realidade têm vindo a reforçar e a legitimar a imagem do bairro como um “território de alto risco”, como um “gueto negro” no qual o crime, a “raça” e a realidade imigratória se entrecruzam numa semântica e numa imagética de exclusão.

Ao analisarmos as dinâmicas sociais locais confrontamo-nos com um conjunto de práticas que desafiam esta representação do bairro como um espaço fechado ao exterior, dominado por uma cultura de marginalidade e de violência. Estas práticas inscrevem-se em duas vertentes principais: 1. dinâmicas translocais que são protagonizadas tanto ao nível individual/familiar como ao nível das organizações locais; 2. a presença no local de instituições oficiais que influenciam a estruturação social do bairro.

Relativamente à primeira vertente, é importante salientar que, no que respeita às relações sociais do indivíduo ou do agregado familiar, as redes de sociabilidade prolongam-se em múltiplos quadros de interacção translocal e transnacional. Para a maioria dos moradores, a sua teia de redes sociais espalha-se para além das fronteiras do bairro, desdobrando-se em redes de sociabilidade com familiares, amigos e conterrâneos a viverem noutras localidades e noutros países. É, igualmente, importante referir que as redes profissionais e sociais não se circunscrevem somente ao perímetro do bairro. A maioria dos residentes trabalha noutros locais no concelho da Amadora ou noutros concelhos mais ou menos distantes e mesmo alguns têm contratos de trabalho temporário no estrangeiro. Acresce-se, ainda, a grande mobilidade geográfica de um número significativo de residentes que decidiram sair do bairro, mas que continuam a manter a sua casa na Cova da Moura, protagonizando deslocações muito frequentes ao bairro e, como tal, a manutenção de múltiplas redes de interacção.

Esta teia de interacções translocais accionadas por redes familiares e/ou de conterraneidade reveste-se ainda de outras dimensões que se prendem com a existência de redes escolares, sindicais, religiosas ou partidárias.

Uma outra vertente do quadro de interacções translocais refere-se às dinâmicas associativas desenvolvidas no bairro, as quais têm sido protagonizadas pelas associações locais, com destaque para a Associação Cultural Moinho da Juventude. A participação em redes nacionais e internacionais e em projectos transnacionais foram cruciais não só para expandir o alcance e a diversidade das actividades da associação, mas também forneceram novas abordagens de intervenção social.

A colaboração em projectos europeus e a adopção de metodologias específicas de acção social tem sido uma constante das práticas da associação. Projectos comunitários desenvolvidos noutras cidades e bairros Europeus (ex. Alemanha, Holanda e Bélgica) têm sido apropriados, retrabalhados e

implementados pela associação. Estas experiências forneceram novos quadros de actuação bem como novas formas de organização colectiva e de intervenção comunitária. Acrescenta-se que tais estratégias potenciaram a reconfiguração de identidades colectivas locais numa lógica translocal de identidade e de pertença. A partilha de experiências e o intercâmbio entre parceiros assim como a adopção de métodos de trabalho e acções de intervenção comunitária a nível internacional foram instrumentais para o estabelecimento de novas formas de reivindicação, agora num quadro mais alargado de modelos de integração e de activismo social.

Por último, a presença de algumas instituições oficiais no bairro (e.g. o Gabinete Técnico da Câmara da Amadora; Paróquia da Buraca) tem sido uma constante ao longo dos tempos. A intervenção destas instituições constitui um prolongamento no local de organismos translocais que intervêm directamente e influenciam o quadro de interacções local. Os modelos organizativos e os serviços prestados por estas instituições criam novas práticas e novas redes de sociabilidade, activando esferas de influência em torno de si próprias. No caso específico do Gabinete Técnico da Câmara da Amadora, o qual tem funcionado no bairro, desde a década de oitenta do século XX, ainda que de forma descontinuada, a sua instalação prendeu-se essencialmente com a necessidade de estancar a construção desenfreada no bairro, pretendendo funcionar, igualmente, como “gatekeeper” entre o bairro e os serviços municipais. A intervenção do gabinete técnico camarário teve um impacto directo nas redes de sociabilidade estabelecidas. Esta influência fez-se sentir em diversos aspectos que se prendem com a introdução de novas lógicas de interacção, padronização de regras de conduta; delimitação do exercício do poder no bairro, sem deixar de gerar, igualmente, tensões e assimetrias num tecido social fortemente polarizado por interesses contraditórios, protagonizados por residentes, líderes comunitários e o poder local.

Tal como no quadro de interacção translocal, a presença de instituições supralocais no bairro inscreve-se, pois, em novas teias de relações sociais, as quais desafiam a noção do bairro como um espaço fechado sobre si próprio, sem qualquer ligação ao exterior.

2.5.4 Problemáticas dos jovens e níveis de interacção

As situações de desigualdade são particularmente difíceis para os jovens adolescentes, que se encontram perante condições de maior vulnerabilidade e cujas dificuldades começam desde cedo, na escola, primeiro cenário revelador das conflitualidades. Existem diversos factores desfavoráveis para

uma adolescência harmoniosa e que explicam os elevados índices de insucesso e abandono escolar, como as insuficiências económicas que limitam muitas vezes os meios necessários para estas crianças se adequarem às exigências escolares, os défices de capital cultural das famílias ou, eventualmente, o carácter desestruturado de algumas destas, e ainda, a existência de linguagens e culturas distintas, o que obriga a constantes pressões para a interiorização dos códigos culturais da sociedade de acolhimento. O Bairro da Cova da Moura é um espaço marcado pela diversidade cultural, onde para além da condição desprivilegiada em termos socioeconómicos que muitos enfrentam, há ainda um conjunto de comportamentos e valores contrastantes, em que a cultura da sociedade receptora pode interferir na identidade do indivíduo, fazendo-o sentir-se “um estranho”, dificultando a sua adaptação.

Actualmente, este problema coloca-se em particular nas camadas mais jovens, filhos e netos de imigrantes, já nascidos em Portugal que acumulam as dificuldades vividas pelos seus progenitores com os seus próprios problemas. Estes traduzem-se num rebuscar de origens que não conhecem e ao mesmo tempo numa procura de satisfação da necessidade de pertencer a uma comunidade, com a qual muitos não se identificam. Esta ausência de identificação com os grupos (a maioria e, também, as pessoas da sociedade dos pais), que é supletiva das carências económicas e sociais, pode acentuar um sentimento de marginalização social e de distanciamento que se poderá traduzir em práticas sociais desviantes.

A sociedade de consumo, por um lado, e o alargamento das desigualdades, que impõem padrões de estética e de integração no mundo do consumismo, por outro, tendencialmente afastam aqueles que não se enquadram nestes padrões. A rua, que cada vez mais substitui as funções de sociabilização que cabem à escola, passa a ser um local de encontro dos jovens. Esta geração, muitas vezes com défices de controlo por parte dos pais, dotada de sentimentos de desconfiança e de desafio para com a sociedade, encontra aqui um espaço de vivência e socialização, com valores e regras muito próprios. O desejo de pertencer a um grupo advém da necessidade de confiar naqueles que admiram ou com quem mais se identificam, o que os torna muitas vezes mais propensos a condutas de risco. Este risco corresponde a uma forma de libertação, de procura de sentido de existência e de luta contra uma imagem pessoal desvalorizada, em que a influência dos amigos poderá facilmente conduzir a pequenos furtos ou até ao tráfico de droga. Esta economia paralela, associada à delinquência e marginalidade, encontra facilidade em estabelecer-se no seio de uma comunidade fragilizada onde as relações sociais se degradam da mesma forma que o espaço físico. A utilização da habitação e dos espaços públicos para transacção e consumo de substâncias ilícitas, a destruição da iluminação pública e o vandalismo de

que são vitima os espaços e equipamentos públicos são reflexos desta degradação. No bairro da Cova da Moura o tráfico de estupefacientes tem vindo a ganhar terreno, especialmente nos últimos anos, com o desaparecimento de outros bairros, nomeadamente o Casal Ventoso, com o envolvimento dos jovens, um alvo fácil para as malhas do tráfico, que facilmente se deixam enveredar por esta forma aparentemente fácil de ganhar dinheiro. Tudo isto se passa diante dos olhos dos moradores, que na sua maioria optam por não denunciar tais actividades por possuírem ligações afectivas ou familiares com os elementos envolvidos ou por medo de represálias.

Embora o consumo de droga não seja muito evidente, o problema do tráfico vai deteriorando cada vez mais a imagem do bairro, aumentando a desqualificação do meio e agravando as situações de violência e desconforto, acrescidos pela presença de consumidores exteriores ao bairro. A existência de tráfico de estupefacientes, violência e conflitos, aliados a uma degradação do espaço tornaram o bairro num lugar percebido como impenetrável, a evitar pelas populações vizinhas e até pela sociedade no geral. Este estigma do lugar é reforçado ainda pelos meios de comunicação social, que apenas difundem imagens negativas do local, imagens que se manifestam, em termos pessoais, numa espécie de revolta e inquietação já que está clara a rejeição de que se é alvo por parte da sociedade envolvente.

2.6 Segurança e Insegurança

A problemática da (in)segurança na Cova da Moura tem sido amplamente difundida pelos órgãos de comunicação nacional que, frequentemente de forma sensacionalista e exagerada, relatam apenas os acontecimentos negativos do Bairro, contribuindo fortemente para a construção de uma imagem negativa e profundamente estigmatizada. Contudo, a insegurança cidadã na Cova da Moura não é uma criação dos jornais e das televisões, uma vez que, tanto nas reuniões do GPL como no *workshop* aberto à população, este aspecto se revelou uma preocupação primária dos residentes e de diversas instituições.

Perante este quadro, marcado, por um lado por um processo que exagera os factos negativos e que contribui, de forma intencional ou supletiva, para destacar a Cova da Moura como uma *no go area* da AML e, por outro, pela incidência de algumas actividades ilícitas que geram insegurança na população, importa perceber qual a real dimensão da criminalidade na Cova da Moura e quais os seus contornos efectivos.

Uma observação dos dados globais relativos à criminalidade declarada aponta para uma incidência da delinquência pouco superior à registada no conjunto da AML (Quadro 14). Assim sendo, a questão central não parece residir tanto na intensidade da criminalidade, mas sim nalguns tipos de delinquência que parecem assumir uma expressão mais relevante na Cova da Moura, como de resto afirmou o subintendente Manuel Pereira, do Comando da PSP da Amadora, durante a entrevista que realizámos com ele.

Quadro 14 - Criminalidade declarada comparada - Cova da Moura, concelho da Amadora e AML-Norte (2003/2004*)

	AML-Norte		C. Amadora		Cova da Moura	
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
Crimes contra as pessoas	19650	18,9	1779	22,3	80	25,2
Crimes contra o património	68672	66,2	5134	64,4	158	49,7
Crimes previstos em legislação avulsa(**)	7115	6,9	671	8,4	72	22,6
Outros crimes	8360	8,1	384	4,8	8	2,5
Total	103797	100,0	7968	100,0	318	100,0
Taxa de criminalidade global (%)	---	5,2	---	4,5	---	5,8
Taxa criminalidade (contra as pessoas) (%)	---	1,0	---	1,0	---	1,5
Taxa de criminalidade (crimes previstos em legislação avulsa)	---	0,4	---	0,4	---	1,3

(*) Os dados referentes à AML-Norte e ao concelho da Amadora correspondem a 2003.

Os dados da Cova da Moura referem-se a 2004.

(**) Inclui Tráfico de estupefacientes, condução ilegal e cheques sem cobertura.

Taxa de criminalidade = N.º crimes denunciados no ano / Pop. Residente no ano X 100

Fontes: Gabinete de Política Legislativa e Planeamento do Ministério da Justiça.

Polícia de Segurança Pública da Amadora.

Ao observarmos os quadros 14 e 15, podemos identificar os dois tipos de problemática que maior instabilidade causam no Bairro da Cova Moura:

- i) os crimes contra as pessoas (designadamente as ofensas à integridade física), que assumimos estarem associados à forma mais violenta de crime contra a propriedade (o roubo), que não só tem forte intensidade, como experimentou um acréscimo nos últimos dois anos;
- ii) o tráfico de droga, que atinge níveis de incidência relativa bastante superiores ao registados no concelho da Amadora e no conjunto da AML.

Embora estes dois tipos de criminalidade possam estar associados, as informações recolhidas junto da população e do subintendente Manuel Pereira parecem apontar para dois fenómenos distintos. No

primeiro caso, estamos perante pequenos grupos de jovens (15 – 25 anos) do sexo masculino, muito marcados por culturas de virilidade e de rua, que assumem o desafio e a pequena criminalidade, muito incómoda para a comunidade, como práticas comuns. Embora não pareça estarmos perante fenómenos do tipo *gang*, dada a abertura destes grupos e a própria espontaneidade dos actos ilícitos (“o líder ou outro membro provoca e inicia a actividade num qualquer momento e todos os outros se envolvem” – Entrevista com o subintendente Pereira), a frequência diária causa forte instabilidade no Bairro e na envolvente. Os anseios de satisfação de determinados padrões de consumo, a expressão da revolta destes jovens a própria reprodução intra-grupo de uma cultura de desafio e de violência conduzem a esta criminalidade, por vezes facilitada pelo fácil acesso a armas. Ainda que, em termos gerais, se trate de actos de reduzida gravidade, a persistência nas actividades delinquentes em fases mais avançadas da adolescência e no início da própria vida adulta, podem conduzir a criminalidade mais violenta e perigosa. Note-se que documentos produzidos pela PSP acerca da criminalidade violenta na AML nos anos de 2003-2005, mostram um acréscimo desta, associado a um incremento dos actos perpetrados por grupos. A Amadora emerge como um concelho problemático neste domínio, aparecendo a Cova da Moura como uma das áreas críticas da AML, embora sejam identificados outros bairros e locais considerados mais complexos em termos de criminalidade violenta.

Quadro 15 - Tipologia da Criminalidade na Cova da Moura – 2004 e 2005

	2004		2005		Var. absoluta
	Abs.	%	Abs.	%	
Ofensas à integridade física simples	49	15,4	29	10,2	-20
Ofensas à integridade física graves	14	4,4	10	3,5	-4
Ameaças	12	3,8	8	2,8	-4
Difamação e injúria	5	1,6	2	0,7	-3
Roubo (incluindo esticção)	40	12,6	57	20,1	17
Furto de veículo	39	12,3	26	9,2	-13
Furto do interior de veículo	29	9,1	14	4,9	-15
Furto de residência	12	3,8	12	4,2	0
Furto estabelecimento comercial	9	2,8	7	2,5	-2
Outros furtos	9	2,8	7	2,5	-2
Danos à propriedade	20	6,3	21	7,4	1
Tráfico de substâncias	40	12,6	47	16,5	7
Detenção de arma proibida	4	1,3	6	2,1	2
Condução ilegal	32	10,1	25	8,8	-7
Outros crimes	4	1,3	13	4,6	9
TOTAL	318	100,0	284	100,0	-34

Fonte: Polícia de Segurança Pública da Amadora

Relativamente ao tráfico de droga, a Cova da Moura parece funcionar como um ponto de armazenagem e distribuição, sendo aparentemente reduzido o consumo efectuado pelos próprios residentes. O tráfico parece ter aumentado nos últimos anos, como atestam os próprios dados estatísticos (Quadro 15), existindo um conjunto de pessoas envolvidas no processo (diversos são recém-chegados e imigrantes, por vezes irregulares, induzidos por expectativas criadas pelos organizadores do “negócio”) e, também, alguns “pontos quentes” de transacção. Em síntese, a Cova da Moura aparece no mapa de tráfico de droga como um lugar de circulação e abastecimento, não se posicionando como o nóculo central do sistema.

As actividades criminais, bastante visíveis no Bairro (sobretudo o tráfico), assumem maior expressão na Rua Principal, Rua do Moinho, Rua do Vale, Rua da Palmeira, Rua do Outeiro, Rua 8 de Dezembro, Rua Santa Filomena, Rua da Ladeira e nalguns becos recônditos dos quarteirões mais fechados (figura 6)⁵.

Face a esta problemática, a PSP tem tentado implementar processos que visam aumentar a segurança dos cidadãos e combater a criminalidade. Entre estas, destacam-se os processos de policiamento de proximidade (dois agentes com presença permanente no bairro que fazem o acompanhamento constante da população e que interagem com esta, com destaque para as crianças e os jovens), bem como o patrulhamento convencional, por vezes reforçado (carro patrulha, presença regular de equipas de intervenção rápida, equipas de investigação criminal). Aparentemente, a criminalidade parece ter diminuído de 2004 para 2005 (ver quadro 15), mas a prevalência do tráfico de droga e o problema dos roubos e dos crimes contra as pessoas implicam um reequacionar das estratégias no domínio da segurança. E esta é tão importante para os cidadãos, como a percepção que estes têm dela.

⁵ Esta informação tem como base dados qualitativos da PSP e a nossa própria observação de terreno.



Figura 6 – Ruas de criminalidade mais intensa no bairro da Cova da Moura

2.7 Saúde e Riscos

2.7.1 Saúde

A questão da saúde é essencial para o desenvolvimento de qualquer comunidade, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das populações, ao nível físico, psíquico e social. Esta vertente torna-se ainda mais crucial em comunidades onde a condição socio-económica é baixa, associada a uma vertente educacional fragilizada, e em especial quando se cruzam com problemáticas associadas à toxicoddependência, como acontece na Cova da Moura.

Assim, procurou-se perceber de que forma tais fragilidades se reflectem na saúde dos habitantes do bairro, tentando obter respostas junto das entidades ligadas à área da saúde que intervêm na zona geográfica onde se insere a Cova da Moura.

De acordo com as informações recolhidas no Centro de Saúde da Reboleira, há um conjunto de doenças que afectam particularmente a população do bairro, são elas o HIV/SIDA, a Hepatite B e C, a Tuberculose Pulmonar, o Alcoolismo e as doenças do foro psíquico.

1. HIV/SIDA e Hepatite B e C

Segundo os entrevistados, o aumento do número de casos de HIV/Sida e Hepatite B e C acompanha o incremento a nível nacional, uma vez que se tem verificado um acréscimo do número de casos de população infectada, tratando-se, assim, de um problema que afecta o país em geral e não especificamente a Cova da Moura.

Uma vez que até 2005, não era obrigatório os laboratórios e centros de saúde declararem os doentes infectados com SIDA, fossem doentes ou portadores do vírus HIV (seropositivos, e por isso não apresentam os sintomas da doença), os números actualmente existentes não estão ainda estabilizados. Há 2 anos, Portugal tinha cerca de 18.000 casos, sendo que actualmente o número é de aproximadamente 52.000.

Este tipo de doenças estão associadas ao comportamento e às características sociais e culturais duma comunidade. Neste sentido, os toxicodependentes estão mais propensos a serem contaminados, sendo que em relação à população da Cova da Moura, a preocupação se prende com o número de toxicodependentes que vivem e/ou frequentam o bairro.

Actualmente os laboratórios são obrigados a elaborar um relatório dos casos positivos de testes de SIDA. Dos resultados, observa-se que os testes positivos realizados em território português, em imigrantes vindos de países com elevado índice de infectados, têm resultados diferentes dos testes realizados no país de origem. Dessa observação, os especialistas concluem que a infecção foi feita em território português, o que preocupa particularmente as autoridades de saúde.

A maioria dos casos de Hepatite não são recentes, verificando-se que muitos pacientes contraíram a doença anteriormente. Os índices para os utentes da Cova da Moura estão dentro do patamar nacional.

2. Tuberculose Pulmonar

Os índices de Tuberculose Pulmonar também se aproximam dos níveis nacionais. Entretanto, existe uma preocupação particular por parte dos profissionais da saúde em relação à população da Cova da Moura, uma vez que a doença é de fácil transmissão. A infecção, está portanto, associada à convivência, ao tipo de habitação (ex. questões ligadas à salubridade e condições higieno-sanitárias) e a outras características, como a deficiente recolha de resíduos sólidos urbanos, factores que se encontram presentes na Cova da Moura.

3. Alcoolismo

Outra das grandes preocupações dos profissionais da saúde que recebem utentes da Cova da Moura prende-se com o crescente número de casos relacionados com o alcoolismo. A preocupação reside no facto de o alcoolismo dar origem a outros problemas de ordem social. No caso do alcoolismo masculino, este problema associa-se a casos de violência doméstica, desemprego, e outros. No caso do alcoolismo feminino, que tem aumentado na Cova da Moura, o problema associa-se a maus tratos infantis, abandono das responsabilidades domésticas, e outros. Tanto num como noutro caso, as crianças são sempre potenciais vítimas.

O alcoolismo é aceite entre os homens mas não divulgado no caso das mulheres, o que o torna um facto preocupante, pois tem sido confirmado um aumento nos casos de alcoolismo feminino, embora não haja informação estatística relativa a este fenómeno.

4. Doenças do Foro Psíquico

Os profissionais na área da saúde têm igualmente constatado um aumento ao nível dos problemas psiquiátricos na população do bairro. A justificação dos profissionais prende-se com a dificuldade dos residentes em ultrapassar as decepções que se ligam à imigração, nas expectativas frustradas, nas dificuldades de integração, o que gera problemas de ordem mental. Estes casos são frequentes em comunidades de imigrantes e encontram-se frequentemente associados ao problema do alcoolismo. Considerando o grande número de imigrantes residentes na Cova da Moura, o bairro é uma preocupação, na opinião dos profissionais.

5. Outras doenças

De uma forma geral, a incidência de outras doenças na Cova da Moura está dentro dos índices nacionais, verificando-se, no entanto, muitos casos de reinfecções. A maioria dos problemas de saúde dos residentes da Cova da Moura está associada ao ambiente em que vivem (ex. condições sanitárias, salubridade das habitações), comportamentos de risco e características da população (ex. movimentos migratórios, doenças das viagens⁶).

⁶ As “doenças das viagens”, estão associadas na maioria das vezes ao turismo sexual mas também a outras doenças como as doenças tropicais.

Em termos de saúde familiar e materna e planeamento familiar, o sistema de saúde tem demonstrado eficácia. As doenças prevenidas por vacinação, não diferem dos níveis nacionais, tendo vindo a diminuir. No entanto, é de referir que até aos 6 anos de idade, as crianças contam com uma forte protecção dos pais, mas depois, emergem diversos casos em que as crianças são deixadas entregues a si próprias. O Centro de Saúde sempre que detecta essa necessidade desloca-se à Cova da Moura para efectuar campanhas de vacinação, tal como aconteceu recentemente com a campanha de vacinação da Meningite C, cuja adesão foi bastante satisfatória.

6. Gravidez adolescente e precoce

A gravidez precoce, embora encarada por alguns como sendo comum na cultura africana, apesar de nem sempre bem aceite pelos progenitores, constitui um problema de saúde, uma vez que é considerada gravidez de risco. O problema é acrescido, quando se trata de uma gravidez não desejada, muitas vezes associada a comportamentos de risco (ex. casos de HIV), como acontece na Cova da Moura. Embora os dados do Hospital Fernando Fonseca (Amadora-Sintra) não permitam identificar as parturientes da Cova da Moura, uma vez que os dados não são passíveis de desagregação ao nível do bairro, uma análise por freguesias permite conclusões interessantes, mesmo sabendo-se que algumas puérperas do Bairro tenham exposto as suas crianças fora da maternidade do Hospital Amadora-Sintra. Em termos absolutos, o número global de partos de mães residentes no concelho da Amadora ocorridos no Hospital Fernando da Fonseca manteve-se relativamente estável (em torno dos 1200), acontecendo o mesmo com os partos de mães com idades inferiores a 18 anos (próximo dos 65). Curiosamente, o aumento ocorrido nos partos de menores de 16 anos deve-se à freguesia da Buraca, que em 2004 não registou nenhum e em 2005 registou 2. Contudo, a análise dos valores relativos comparados (distribuição percentual dos partos ocorridos em 2004 e 2005 no Hospital Fernando da Fonseca, segundo o grupo etário da mãe e a unidade geográfica) é muito mais esclarecedora. Efectivamente os partos de mães adolescentes com 18 e menos anos residentes na Buraca corresponde a quase 10% do total, quando este valor não chega aos 5% no conjunto do concelho da Amadora e é menos de 3,5% entre as parturientes provenientes de outros locais. Se considerarmos apenas as mães com 15 e menos anos, que representam, felizmente, uma percentagem extremamente reduzida, os valores da Buraca e também da Damaia (respectivamente, 0,76 e 0,91%) são, mesmo assim, muito superiores aos verificados para as puérperas do conjunto da Amadora e residentes noutros municípios (0,5 e 0,33%). Embora não se possa estabelecer que os partos de mães da Buraca e, sobretudo, da Damaia, sejam de residentes na Cova da Moura, o peso que este Bairro tem na primeira freguesia e, também, a juventude

da sua população, apontam para uma forte presença de raparigas da Cova da Moura neste conjunto de nascimentos. Tudo aponta, pois, para que a problemática da gravidez adolescente e precoce (envolvendo raparigas menores ou com 18 anos) seja de facto significativa na Cova da Moura, representando isto um acréscimo das gravidezes de risco e, frequentemente, a emergência de outros problemas sociais (ex: expulsão da jovem mãe da casa dos pais), designadamente pelo facto de, por vezes, os filhos não serem aceites pelos progenitores homens.

N.º Partos Apurados	2004					
	AMADORA				Outros Concelhos	TOTAL
	Buraca	Damaia	Outras Freguesias	TOTAL		
0-12						
13-15		1	4	5	6	11
16-18	9	5	44	58	86	144
19-24	40	31	238	309	560	869
25-34	69	68	532	669	1973	2642
+ 34	15	18	135	168	508	676
TOTAL	133	123	953	1209	3133	4342

Quadros 16 - Distribuição dos Partos ocorridos em 2004, por grupo etário e área de residência

Fonte: Hospital Fernando Fonseca, Amadora

N.º Partos Apurados	2005					
	AMADORA				Outros Concelhos	TOTAL
	Buraca	Damaia	Outras Freguesias	TOTAL		
0-12						
13-15	2	1	4	7	3	10
16-18	15	5	39	59	14	73
19-24	35	24	246	305	297	602
25-34	57	55	515	627	1245	1872
+ 34	21	12	154	187	337	524
TOTAL	130	97	958	1185	1896	3081

Quadros 17 - Distribuição dos Partos ocorridos em 2005, por grupo etário e área de residência

Fonte: Hospital Fernando Fonseca, Amadora

Nº de partos apurados	AMADORA				OUTROS CONCELHOS	TOTAL
	BURACA	DAMAIA	OUTRAS FREGUESIAS	TOTAL		
0-12						
13 - 15	0,76	0,91	0,42	0,50	0,18	0,33
16 - 18	9,13	4,55	4,34	4,89	1,99	3,21

19 - 24	28,52	25,00	25,33	25,65	17,04	20,63
25 - 34	47,91	55,91	54,79	54,14	63,99	59,72
> 34	13,69	13,64	15,12	14,83	16,80	16,11
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Quadro 18 - Distribuição dos partos ocorridos no Hospital Amadora-Sintra em 2004/2005, segundo a idade das púerperas (%)

Fonte: Hospital Fernando Fonseca, Amadora

Considerações Finais

De forma geral, a incidência das doenças supracitadas na Cova da Moura não difere muito dos índices observados ao nível nacional, embora a existência de riscos específicos (falta de salubridade de algumas habitações, deficiente recolha de lixo, forte mobilidade geográfica de alguma população) justifiquem um acompanhamento mais cuidado da evolução das condições de saúde desta população. Apenas nos casos de alcoolismo, os profissionais de saúde parecem identificar uma evolução que justifica alguma preocupação. Relativamente aos casos de gravidez precoce, a situação da Cova da Moura parece, efectivamente, ser mais complexa do que a registada no resto do município e da envolvente.

Perante este quadro, a questão da prevenção parece assumir-se como aspecto crucial. Efectivamente, os profissionais de saúde que prestaram muitas das informações que possibilitaram a execução desta parte do diagnóstico, consideram que é necessário um trabalho mais forte na área da prevenção. No entanto, as prioridades do Centro de Saúde nem sempre correspondem às respostas que a população espera, uma vez que existem carências quer no número de profissionais, quer nas actividades no domínio da prevenção, a qual deveria estar adaptada à cultura do bairro.

Para concluir, estes profissionais referem que é necessário formar e informar os moradores dos seus direitos de cidadão. A saúde é um direito de cada cidadão, sendo de sublinhar, que no entender destes profissionais, a população têm feito um grande esforço de integração ao nível da saúde. Por exemplo, a vacinação na Cova da Moura não é diferente da vacinação em Alfragide.

No final da entrevista realizada, os profissionais de saúde lançaram ainda algumas sugestões de projectos que poderiam ser implementados no bairro, tais como a existência de:

- **Promotores de Saúde** – são facilitadores que ajudam a intervir culturalmente no bairro (tem um tronco em comum com os mediadores). Fazem a formação de indivíduos do bairro que funcionam como veículo de transmissão dos seus conhecimentos para a população do bairro;
- **Enfermagem Comunitária** – equipa com competências para acompanhamento de mulheres grávidas, crianças, mães, mulheres com problemas de alcoolismo, trabalhos de formação preventiva. Ajudam a identificar disfunções familiares, que geram problemas sociais.

2.7.2 Toxicodependência

O Centro de Atendimento a Toxicodependentes (CAT) da Amadora possui um total de 2510 utentes, contando com 559 utentes activos, no final de 2005. As actividades do centro incluem, entre outras, o acolhimento, as consultas (individuais e de grupo), o atendimento do serviço social, o serviço de terapias medicamentosas, o apoio de enfermagem e o apoio para a saúde, grupos de apoio a famílias, acompanhamento de crianças, filhos de toxicodependentes e sessões de esclarecimento. Intervém através de programas de tratamento de substituição com metadona e buprenorfina e actua, ao nível da redução de danos, na área do rastreio a doenças infecto-contagiosas, vacinação, consulta de infecciologia e terapêutica antiretroviral e tuberculostática. O CAT articula-se com diversas instituições, nomeadamente, com a Câmara Municipal da Amadora, o Instituto de Emprego e Formação Profissional, o Instituto de Solidariedade e Segurança Social, algumas instituições particulares de Solidariedade Social (AJPAS, AFID, etc), o Projecto Rotas – Urban II, a Escola das Profissões, a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens, outros CAT's, centros de saúde e hospitais, farmácias, escolas, etc. Na área da reinserção social articula-se com o Instituto de Reinserção Social e participa em Redes Regionais para o Emprego, Redes Europeias e Programa Vida Emprego.

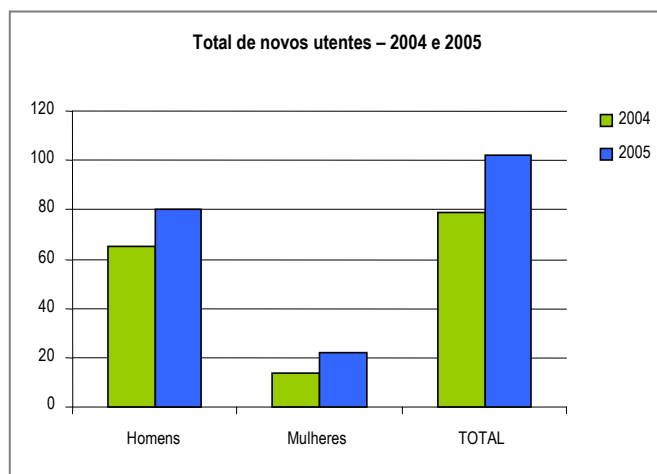
Perfil dos Utentes Activos do CAT Amadora

De acordo com os elementos fornecidos pelo centro, cujos dados reportam a Março de 2006, podemos afirmar que se verificou um ligeiro acréscimo no total de novos utentes, de 2004 para 2005, e também um aumento no consumo de cocaína, a par com o aumento de situações de desemprego (58% em 2004 e 74% em 2005).

	Homens	Mulheres	TOTAL
2004	65	14	79
2005	80	22	102

Quadro 19 - Total de novos utentes (2004 e 2005)

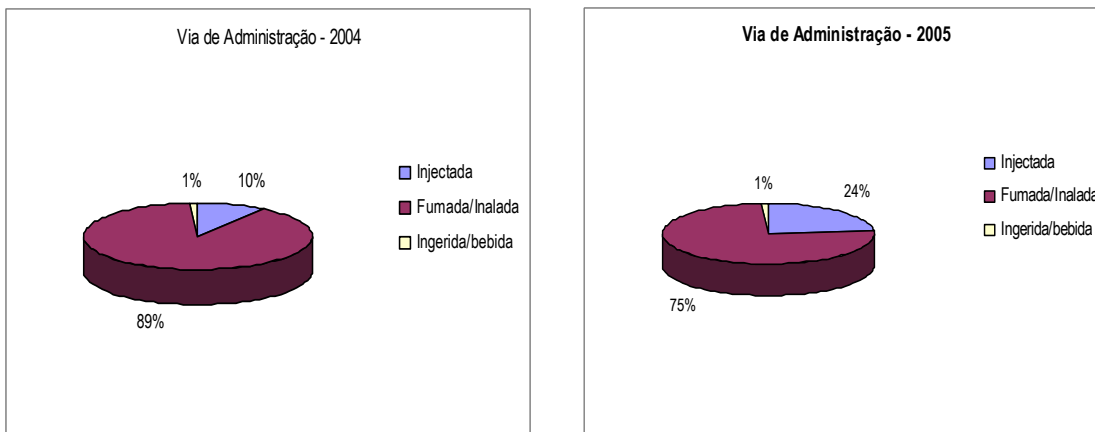
Fonte: CAT Amadora, Relatório de Actividades 2005



Os dados revelam-nos que a classe etária onde o consumo é maior situa-se nos 30-34 anos (30%), diminuindo nas classes etárias mais jovens e mais idosas. A grande maioria dos toxicodependentes chegam ao CAT quer através de encaminhamento de instituições ligadas à saúde (23%) quer por iniciativa própria (29%). São na sua maioria indivíduos solteiros (55%) e casados/união de facto (30%), com um nível de escolaridade médio/baixo – mais de 50% entre o 1º e o 2º ciclo (51%), e em situação de desemprego/à procura de emprego (61%). Residem essencialmente com familiares – ascendentes/irmãos (52%), embora em muitos casos este local de residência seja a rua. É ainda de referir que 64% dos utentes já realizaram tratamentos anteriores.

No que respeita ao perfil de consumo, 49% dos utentes são consumidores de heroína e 42% consomem heroína e cocaína, sendo que, na grande maioria dos casos, a via de administração é fumada/inalada,

embora o número de casos em que a via de administração é através de injeção esteja a aumentar, facto que preocupa particularmente os técnicos ligados à área da saúde.

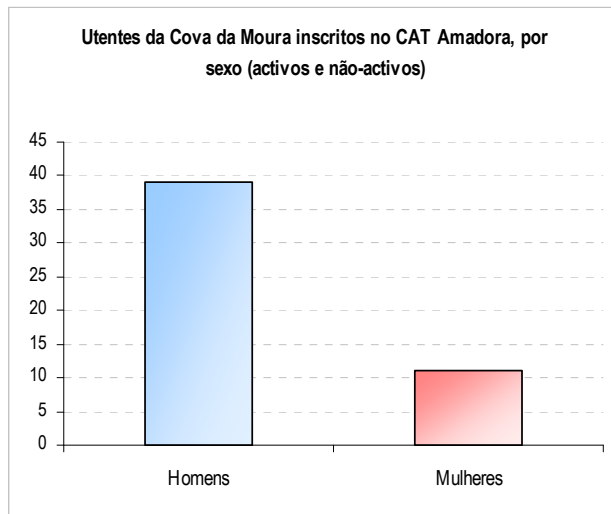


O consumo de substâncias ilícitas não pode ser dissociado das doenças infecciosas, tais como o HIV/SIDA, Hepatite B e C e Tuberculose. Segundo os dados disponibilizados, dos 114 utentes testados, 15.8% dos casos deram positivo nos testes ao HIV e de 103 utentes testados, 6.8% tinham Hepatite B e 52.4% Hepatite C. Estes dados revelam-se preocupantes e confirmam a necessidade de uma política de prevenção e acompanhamento deste grupo de risco de uma forma mais eficaz.

O bairro da Cova da Moura

Relativamente ao bairro da Cova da Moura e de acordo com os dados, actualizados a Junho de 2006, fornecidos pelo Instituto da Droga e da Toxicoddependência/CAT Amadora, existem **51 utentes** inscritos no CAT da Amadora com residência associada ao bairro da Cova da Moura. Destes 51 utentes, **7 estão activos**, ou seja, foram a pelo menos uma consulta no Centro em 2006, e **44 não activos** (1 utente entretanto faleceu).

- idades rondam em média – 36 anos; variando entre os 22 e 50 anos;
- 78% são do sexo masculino e 22% do sexo feminino;
- o ano de acolhimento no CAT variou entre 1991 e 2005, sendo que a maior parte se inscreveu antes de 2000.



Relativamente aos utentes não-activos, a maioria não se dirige ao Centro há mais de 6 anos (27 casos); por outro lado, dos 7 utentes activos, 4 estão a ser acompanhados há mais de 10 anos e 1 há cerca de 9 anos, estando os restantes 2 utentes em acompanhamento há cerca de um ano.

Destes 7 utentes activos, e de acordo com a ficha de utente actualizada, sabe-se ainda que:

- Estado civil: 5 utentes solteiros;
- Escolaridade: 2 utentes com o 1º ciclo; 2 utentes com o 3º ciclo e 1 utente com o 11º/12º ano;
- Situação laboral: 1 utente empregado, 2 em situação de desemprego e 2 utentes com situação desconhecida;
- Coabitação: 2 utentes residem com familiares (ascendentes/irmãos), 2 utentes residem com o companheiro(a) e 1 utente em situação desconhecida;
- Substâncias consumidas:
 - heroína – 2 casos
 - heroína e cocaína – 3 casos
- Via de consumo – injectada (1 caso), fumada/inalada (4 casos);
- Tratamentos anteriores: 4 utentes nunca tinham feito tratamentos anteriores;
- Tratamento actual:
 - Programa de substituição com metadona e apoio psicológico e social – 3 utentes
 - Psicofármacos e apoio psicológico e social – 3 utentes



- Apoio médico e apoio psicológico e social – 1 utente

Estes números apresentados pelo CAT da Amadora, relativamente ao bairro da Cova da Moura, revelam a necessidade em recorrer a ajuda profissional na área da toxicodependência. No entanto devemos acrescentar que estes números não revelam o número real de indivíduos toxicodependentes que residem no bairro, uma vez que nem todos frequentam ou estão sinalizados pelo CAT. Embora se saiba que o que relaciona a Cova da Moura aos estupefacientes seja essencialmente o tráfico e não o consumo de drogas pela população local, é importante apostar quer na vertente da prevenção quer no acompanhamento a toxicodependentes, residentes ou que frequentam o bairro, reforçando ou adequando as medidas adoptadas.